Dia 4 — Santo André Corsini

Santo André, da nobre e antiga casa dos Corsini de Florença, nasceu na mesma cidade no ano de 1302, a trinta de novembro, dia em que se celebra a festa do glorioso apóstolo cujo nome lhe foi dado. Seus pais, mais ilustres por sua piedade do que pelo distinto posto que ocupavam na república, receberam o menino André como fruto das fervorosas orações que por muitos anos haviam oferecido ao céu, por intercessão da santíssima Virgem, para que lhes concedesse algum filho; em atenção ao que o dedicaram a esta Senhora desde o mesmo instante em que nasceu.

No dia antes que lhe desse à luz sua piedosa mãe, teve uma visão que a assustou muito e a encheu de cuidados. Parecia-lhe que havia parido um pequeno lobo, o qual, entrando na igreja dos padres carmelitas, converteu-se de repente num manso cordeirinho. Esta visão empenhou a devota senhora em atender com especial cuidado à criação de seu filho, sem descuidar-se de inspirar-lhe desde sua mais tenra idade o santo temor de Deus e o horror ao pecado, aplicando-se com o maior desvelo a dar-lhe uma educação cristã, que tanto conduz para a salvação dos meninos.

Estava André dotado de um natural excelente, mas por outro lado tão vivo e tão inclinado a todo gênero de passatempos que nem os bons exemplos de seus pais nem os prudentes conselhos dos melhores mestres foram bastantes para impedir que verificasse sobejamente o sonho de sua mãe.

Contribuiu muito para isto a companhia de outros jovens fidalgos de sua idade, alguns levianos, outros dissolutos, que em pouco tempo e sem muita resistência o conduziram pelo espaçoso caminho do vício. Entregou-se a ele André, e não se entregou pela metade. O jogo, os espetáculos e a dissolução afogaram inteiramente em seu peito aqueles piedosos sentimentos que nos princípios haviam feito alguma tênue impressão nele. Não começou a perder-se de qualquer maneira, mas fazia gala de ser dos mais perdidos; e, como a liberdade orgulhosa não só desterra do coração a urbanidade e a modéstia, mas o embrutece, tornando-o feroz, rústico, intratável, ouvia André com desabrimento e com desprezo as salutares advertências de sua piedosa mãe. No desconsolo que lhe causava a perdição de seu filho, a boa senhora não tinha outro recurso senão a proteção da santíssima Virgem, por cuja intercessão o havia obtido de Deus e a cujo serviço o havia dedicado desde seu nascimento. Jamais ficou sem fruto uma confiança fiel e constante.

Um dia em que André se dispunha a sair para certa diversão pouco decente, advertiu que sua boa mãe se estava desfazendo em lágrimas. Parte por ternura e parte por curiosidade, perguntou-lhe o motivo de seu pranto. Choro, filho meu — respondeu-lhe a virtuosa senhora —, porque, com bastante dor de meu coração, vejo demasiadamente verificada a primeira parte de um sonho que tive na noite antes do dia em que te pari, para tanto desconsolo meu. Sonhei que dava à luz um pequeno lobo; mas não te dissimularei que igualmente sonhei que este lobo se convertia num afável cordeirinho logo que entrava na igreja dos padres carmelitas. Teu pai e eu cremos que, consagrando-te desde logo à clementíssima Virgem, poderíamos eludir o funesto efeito de um prognóstico tão triste; mas nossa precaução só serviu para que teu proceder desordenado

traspasse minha alma com maior tormento. Esses costumes perdidos acreditam com sobeja verdade que minha visão foi mais que sonho. Ditosa de mim se antes de morrer pudesse ver todo o prognóstico cumprido, logrando o gosto de ver este lobo convertido em cordeiro.

Estas palavras, acompanhadas de copioso pranto e pronunciadas com aquele tom doce e penetrante que inspiram a piedade e a ternura, tocaram o coração do generoso jovem; fez-lhe grande força o sonho, mas muito mais força lhe fez a realidade e, entrando a graça em socorro, acabou-se logo a obra da conversão.

Não morrereis, mãe e senhora — respondeu André banhado em lágrimas —, não morrereis sem ver a ditosa transformação que desejais; passará este lobo a ser cordeiro, e só sinto ter malogrado tanto tempo no funesto vaticínio, cumprindo, com tanto estrago de minha alma como dor da vossa, todo o significado que simboliza esta fera; vou, senhora, a que se justifique plenamente vossa misteriosa visão. Vós me consagrastes à mãe de Deus; não hei de destruir vosso sacrifício, e vou eu cumprir o que prometestes vós. Consolai-vos, mãe minha, que não se perderam vossas orações nem se malograram vossas lágrimas; perdoai os pesares que vos deu minha dureza, esquecei minha rebeldia, não vos lembreis de minhas ingratidões, e sirvam de medianeiras com Deus vossas orações para que perdoe meus pecados.

Disse, e, sem dar lugar a que a piedosa senhora voltasse a si do gostoso enlevo em que a suspendeu uma mudança tão pronta como inesperada, saiu de casa, dirigiu-se à igreja dos carmelitas, prostrou-se diante do altar da santíssima Virgem e, desfeito em lágrimas, ofereceu-se a Deus e a sua puríssima mãe, como vítima que, embora consagrada aos dois desde seu nascimento, o mundo a havia descaminhado, tendo-a infelizmente aprisionada em suas cadeias pelo dilatado espaço de mais de doze anos. Aceitou o céu o sacrifício, e mudou o Senhor inteiramente seu coração. Sentiu André feitas em pedaços as cadeias; e, animado de um novo espírito, cheio de um novo alento, tomou a generosa resolução de fazer-se religioso, e pareceu-lhe que não podia fazer escolha mais acertada que a do célebre e observante instituto dos padres carmelitas.

Pediu o santo hábito com tanta instância e deu provas tão concludentes de ser legítima sua vocação, que foi recebido na ordem para ser dentro de pouco tempo um de seus mais brilhantes astros. Seu fervor foi o assombro dos mais perfeitos, e os mais anciãos olharam com admiração os progressos do noviço.

As paixões a que se havia entregado tão desenfreadamente no século amotinaram-se com violência sediciosa vendo-se reprimidas na religião; mas soube sujeitá-las com tanta prontidão por meio de rigorosas penitências e de uma contínua mortificação dos sentidos, de um severíssimo silêncio e de uma perpétua oração, que antes de acabar-se o ano de noviciado logrou vê-las todas prostradas e inteiramente rendidas.

Irritado o demônio à vista de uns progressos tão rápidos na virtude, crê-se comumente que, tomando a figura de um parente seu, intentou persuadi-lo com artificioso engano a que, deixando o hábito religioso, se restituísse ao século. Mas o observante noviço, sem fazer caso do tentador, voltou-lhe as costas, alegando que não tinha licença para falar. Cobriu-se de confusão o inimigo, não podendo suportar uma observância tão exemplar; e, desaparecendo prontamente, deu bastante a entender sua malignidade e seu artifício.

Feita a profissão, impôs-se uma severa lei de não afrouxar jamais nos exercícios nem no fervor do noviciado. Não pôde subir mais de ponto nem sua humildade, nem sua pontualidade, nem sua obediência. Nunca soube entibiar-se seu fervor nem sua devoção desmentir-se. Concedeu o Senhor a suas palavras aquela graça, aquela maravilhosa força que conservaram toda a vida para converter os pecadores. Achava-se um parente de nosso santo apoderado de uma profunda melancolia, efeito de certa molesta enfermidade, e, para aliviar uma e outra, haviam convertido sua casa em pública casa de jogo. Animado André de um santo zelo, representou-lhe com tanta energia a infâmia daqueles jogos públicos que a assembleia foi despedida. Premiou Deus a docilidade do enfermo, pois, rezando por espaço de sete dias um Pai-nosso e uma Ave-Maria com uma Salve, como o santo lho havia aconselhado, achou-se inteiramente livre de uma enfermidade que até ali havia burlado todos os remédios da medicina.

Ordenado sacerdote, dizia a missa com fervor tão aceso que, ao vê-lo no altar, não parecia um sacerdote, parecia um serafim. Celebrando um dia o divino sacrifício entre estes celestiais ardores, apareceu-lhe a santíssima Virgem e o consolou com estas palavras que destilavam ternura: Tu és meu servo, e eu me gloriarei em ti. Na verdade, não parecia possível nem mais reverente devoção nem ternura mais filial que a que professava nosso santo à mãe de Deus. Esta era sua devoção favorita, este seu distintivo e seu caráter; por isso nunca admitia outro título que o de servo de Maria; com ele se honrava e com ele se regalava.

Tendo-se graduado em Paris doutor em teologia, voltou a Florença, onde o fizeram prior de seu convento. Aqui foi onde descobriu os extraordinários talentos que havia recebido do céu para o maior bem das almas. Mostrou, entre outros, o dom de profecia, porque, tendo um menino nos braços e olhando-o com atenção, começou a chorar amargamente. Perguntado pelo motivo daquele pranto, que parecia intempestivo: Choro — disse — porque este menino terá desastrado fim e será a ruína de sua casa. O tempo e o sucesso verificaram demasiadamente o profético vaticínio.

Eram as brilhantes virtudes de nosso santo admiração e exemplo de toda a Toscana, quando vagou o bispado de Fiésole, cidade que dista só uma légua de Florença. Nomeou-o todo o povo por seu bispo; mas, noticioso André, fugiu a esconder-se na Cartuxa, o que fez tão a tempo e com tanto segredo que burlou quantas diligências se praticaram para encontrá-lo. Perdidas já as esperanças de dar com ele, ia o povo reunir-se para proceder a outra eleição, quando um menino de três anos levantou a voz e disse: André, a quem Deus escolheu para nosso bispo, está fazendo oração na Cartuxa. À vista de um sinal tão visível, não duvidando já o santo de que o céu o chamava para aquela tão alta dignidade, só pensou em desempenhar suas obrigações, acrescentando novos graus de perfeição à santidade de sua vida.

A obrigação de viver como bispo não o embaraçou de viver como carmelita. Antes, persuadido de que um bispo está obrigado a vida mais exemplar e mais santa que um simples religioso, aumentou novas penitências a suas mortificações ordinárias. Sobre o cilício comum acrescentou uma cadeia de ferro que dava volta a toda a cintura, e à diária carga do ofício divino aumentou a sobrecarga dos sete salmos penitenciais, que sempre acabava com uma sangrenta disciplina. Sua cama eram uns sarmentos, a maior parte da noite passava-a em oração e jejuava quase todos os dias. Fugia cuidadosamente de todo trato com mulheres; nunca lhes falava senão com os olhos no

chão; e não permitiu jamais que entrasse alguma em seu quarto.

Uma vida tão exemplar por precisão havia de merecer mil bênçãos a seu povo. Um pastor tão vigilante e tão santo pouco havia de tardar em reduzir ao aprisco todas as ovelhas desgarradas. Não houve pecador tão obstinado que não se rendesse a seus avisos; nenhum tão rebelde que pudesse resistir às solicitudes de seu zelo.

Entre outros, era muito visível o milagroso dom que possuía para compor discórdias e para desterrar o rancor dos peitos inimizados. Isto obrigou o papa Urbano V a lançar mão de nosso André para que passasse a Bolonha na qualidade de legado seu, para pacificar as discórdias que despedaçavam aquele numeroso povo. Apenas entrou nela aquele anjo de paz, acalmou a sedição, uniram-se os ânimos com reconciliação sincera, e as portentosas conversões que logrou deram a conhecer quanto pode fazer um bispo santo.

Tendo chegado aos setenta e um anos de sua idade e estando celebrando a missa do galo na noite de Natal em sua igreja catedral, teve um secreto pressentimento de sua próxima morte. Sentiu-se acometido de uma maligna febre na manhã seguinte e começou a dispor-se com alegria para a última hora, que desde o primeiro instante de sua conversão havia tido presente na memória toda a vida. Foi universal o desconsolo em toda a cidade; não se evacuava seu pobre quarto dos muitos que concorriam a vê-lo, e todos se desfaziam em lágrimas. Só ele se conservava com um semblante risonho e tão tranquilo que em sua serenidade viam todos verificado aquele oráculo: para os santos é doce coisa o morrer. Foi seu ditoso trânsito a 6 de janeiro, dia da Epifania, no ano de 1373. Levou-se seu cadáver à cidade de Florença e foi enterrado na igreja dos padres carmelitas, como o santo havia significado. Confirmou o céu a geral opinião que se tinha de sua santidade com multidão de milagres, e sessenta e sete anos depois de sua morte, no de 1440, foi solenemente beatificado pelo papa Eugênio IV, até que finalmente, no ano de 1629, Urbano VIII o canonizou e fixou sua festa ao dia 4 de fevereiro, mandando que se rezasse dele em toda a Igreja.

Martirológio Romano

Em Florença, a festa de Santo André Corsini, bispo de Fiésole, que faleceu no dia seis de janeiro.

Em Roma, Santo Eutíquio, que acabou sua vida com um glorioso martírio e foi enterrado no cemitério de Calisto; o papa São Dâmaso compôs seu epitáfio em verso.

Em Fossombrone, os santos mártires Aquilino, Gêmino, Gelásio, Magno e Donato.

Em Tmuis (Tamne), no Egito, São Fileas, bispo desta cidade, e São Filoromo, tribuno de soldados, os quais, na perseguição de Diocleciano, resistindo às sugestões de parentes e amigos que os conjuravam a que poupassem sua vida, expuseram ambos sua cabeça e mereceram receber do Senhor a palma do martírio. Seguindo o exemplo de seu pastor, uma inumerável multidão de fiéis da mesma cidade recebeu com eles a mesma coroa.

No mesmo dia, São Ramberto, bispo de Bremen. Em Troyes, Santo Aventino, confessor.

Em Pelúsio, no Egito, Santo Isidoro, solitário, afamado por seus méritos e erudição.

No mesmo dia, São Gilberto, confessor.

Em Amatrice, diocese de Rieti, São José de Leonessa, da ordem dos capuchinhos, a quem os maometanos fizeram padecer cruéis torturas porque pregava a fé entre eles, e o qual, tendo-se feito célebre por seus milagres e seus trabalhos apostólicos, foi posto no número dos santos pelo papa Bento XIV.

Em Bourges, no Berry, Santa Joana de Valois, que foi rainha da França, a qual instituiu em honra das dez virtudes da santa Virgem a ordem da Anunciada, que pôs sob a jurisdição e direção dos Irmãos Menores.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui in Ecclesia tua nova semper instauras exempla virtutum: da populo tuo beati Andreæ confessoris tui atque pontificis ita sequi vestigia, ut assequatur et præmia: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que continuamente nos propondes em vossa Igreja novos exemplos de virtude, concedei a vosso povo a graça de seguir de tal maneira os passos do bem-aventurado André, vosso confessor e pontífice, que mereça conseguir o mesmo prêmio: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é dos capítulos 44 e 45 do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”).

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis:*

> *conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

Nota

«Já se notou em outra parte que esta palavra Eclesiástico quer dizer livro que prega ou que instrui, pela boa doutrina moral e pelos admiráveis preceitos que contém. O autor deste livro foi Jesus, filho de Sirach. Crê-se que este Jesus foi um dos setenta e dois famosos intérpretes que Ptolomeu Filadelfo, rei do Egito, fez vir a Alexandria para traduzir em grego os livros da sagrada escritura. Este livro, a que os gregos chamam a Sabedoria de Jesus, filho de Sirach, porque se dá princípio a ele pelo elogio da sabedoria, dá regras tão excelentes para adquiri-la e para conservá-la que a Igreja tampouco lhe dá outro título que o de livro da Sabedoria, naqueles trechos que dele escolhe para que sirvam de lição sagrada nas epístolas da missa. O capítulo de onde se tirou a epístola deste dia contém o elogio de Moisés e de Aarão, que a Igreja aplica aos confessores pontífices.»

Reflexões

Qui in diebus suis placuit Deo: agradou a Deus enquanto viveu. Que mais é preciso para ser um homem feliz, para fazer-se respeitável? Só este traço vale todos os elogios. Esteja alguém adornado de todas quantas belas prendas se estimam no mundo; tenha engenho, formosura; possua grandes riquezas; goze de todos os gostos, de todos os deleites da vida: será infeliz, será desprezível, será digno de compaixão, se tem a desgraça de não agradar a Deus. Que mérito pode dar a ninguém o favor nem a estima dos homens? Toda a estima humana poderá dar uma só virtude a quem não a tem? Só Deus não pode enganar-se; sua aprovação é inseparável do verdadeiro mérito; quem a logra, seguramente a merece; sua amizade fabrica nossa glória e também nossa ventura. Sem ela, a mais dilatada prosperidade, a mais brilhante fortuna só podem fazer, quando muito, uns sepulcros dourados ou cobertos de um aparente verniz.

Inventus est justus: et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio: foi achado justo, e em tempo da cólera de Deus serviu para aplacá-lo. Às vezes os homens santos são reputados no mundo por uns homens inúteis. Algum dia saberá o mundo quanto lhe serviram e a obrigação que lhes tem. Quantas vezes estava já para descarregar a cólera de Deus sobre as cabeças dos pecadores e foi desarmada pelas orações dos justos? Quantas vezes franqueou o Senhor seus tesouros e foi pródigo em suas graças em consideração a seus escolhidos? Se achar em toda Sodoma cinquenta justos, se achar vinte, eu perdoarei por respeito a eles toda a cidade; também a perdoarei ainda que não ache mais que dez. Assim falava Deus a Abraão. Estes justos, estas almas piedosas são as que honra o Senhor com sua benevolência; far-lhes-á muita falta? Serão dignas de lástima porque não tenham a seu favor nem os sufrágios nem a estima dos libertinos?

Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi: não se achou quem como ele observasse a santa lei do Altíssimo. Esta é a ideia mais sublime que se pode formar de um mérito distinto, de uma vida eminente; este só elogio equivale a um completo panegírico. Teme a Deus, diz o Sábio, guarda seus mandamentos: isto é todo o homem. Não há virtude sem a mais exata observância da lei de Deus. Se queres entrar na vida, diz o Senhor, guarda os mandamentos. Que erro, que desacerto cometem os que se dispensam desta observância! Em vão são essas obras de supererrogação: se não guardas os mandamentos, nada fazes.

Por benéfica, por dadivosa que seja a estima e a amizade dos grandes, seus favores são limitados e de curta duração; quando muito, uns pergaminhos inúteis ou uns títulos pomposos são os que sobrevivem a nossa sepultura: mas nos fazem por isso mais felizes? Muito de outra maneira trata Deus os que o servem; cumula-os a mãos cheias com a bênção de todos os povos; seu amor e seus dons estendem-se mais além que todos os séculos. Os monarcas mais poderosos prostram-se humildemente aos pés de um pastorzinho simples, de um pobre oficial, a quem Deus elevou à sua glória; e esta glória há de durar para sempre. E depois disto, nos fará pouca força a ventura de agradar a Deus? E depois disto, ter-se-á pouco temor à desdita de desagradar-lhe? Onde está nosso entendimento? Onde nossa fé?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19

> Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. [20] Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. [21] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. [22] Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. [23] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: [14] Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. [15] E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. [16] O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. [17] Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. [18] Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. [19] E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. [20] E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Do bom uso dos talentos que recebemos

Primeiro ponto

Considera que ninguém há que não tenha recebido do céu certo número de talentos, com obrigação de aproveitá-los bem. Dons naturais, graças sobrenaturais, benefícios gerais e particulares, tudo nos foi concedido para nossa salvação; nenhum foi casual. Essa nobreza, esse engenho, essa educação, essas belas prendas, essa saúde, esse tempo, numa palavra, toda a ordem, toda a economia da divina Providência a nosso respeito pode e deve ser compreendida na parábola dos talentos; e que devemos pensar de tantos auxílios sobrenaturais, de tantas inspirações, de tantas graças? Tudo o devemos aos méritos do Homem-Deus; bens seus são que depositou em nossas mãos; nenhum há que não seja de grande preço; frutos são de seu preciosíssimo sangue. Que perda, Senhor, que desdita a de quem não sabe ou não quer usar bem

deles!

Não te basta conservar o talento recebido. O mau servo teve cuidado de enterrá-lo; mas foi condenado, porque não o beneficiou pondo-o a render. Já se sabe que Deus neste particular é um amo estrito e rigoroso; não se pode alegar ignorância neste ponto; de modo que será muito culpado quem o servir com negligência ou com desgosto.

Tenha-se recebido pouco ou tenha-se recebido muito, sempre se recebe o bastante para poder merecer mais; mas é preciso trabalhar, é preciso fazer valer o que se recebeu. Que risco pode haver num negócio cujo ganho depende unicamente de nossa vontade? Não há piratas, não há escolhos, não há naufrágios que não possamos evitar. A medida do lucro é de ordinário o motivo do trabalho; neste comércio só são pobres os que nada querem fazer para ser ricos. Pois não terá o amo mil razões para tratar de perversos a uns criados tão preguiçosos e tão ingratos? Que caso se faz de um amo quando se usa tão mal de seus benefícios? E merecer-se-á sua benevolência quando se faz tão pouco ou tão nenhum caso de dar-lhe gosto?

Ah, meu Deus, e a quantos há de fazer gemer esta verdade bem penetrada! Vós me cumulastes de benefícios, e eu recebi talentos de vossa mão; mas aproveitei-me bem deles? Ó Senhor, que reprensão! Que cruel dor! Que amargo remorso!

Segundo ponto

Considera o uso que temos feito até aqui dos talentos recebidos. Cada talento foi um benefício: e qual tem sido nosso reconhecimento? Todos nos foram concedidos para maior glória de Deus e para nossa salvação. E os temos empregado unicamente neste soberano, neste importantíssimo fim?

Este tempo precioso, cujos momentos estão todos contados, tem sido fecundo em boas obras e merecimentos? O fruto do bom uso do tempo será a ditosa eternidade; é possível que não tenhamos perdido nada dele? Já estamos no segundo mês do ano novo; onde está o fruto de nossos propósitos? Temos adiantado muito no negócio de nossa salvação?

Os bens que possuímos nos foram dados para ganhar com eles outros bens mais preciosos e mais reais; e temos negociado muito com eles? Temo-nos valido desses bens unicamente para comprar muito céu, para granjear amigos que nos sejam úteis com Deus? Será possível que não temamos algum cargo quando chegar o caso de dar contas!

O entendimento, a saúde, as demais prendas também entram no número dos talentos; mas os temos feito valer muito? Servir-se deles unicamente para comprazer ao mundo não é pior que sepultá-los? Dar-se-á o Senhor por satisfeito deste emprego? Ah, meu Deus, por esta conta, que de servos inúteis, quantos serão despedidos, quantos condenados às trevas.

Mas que é o que têm produzido aquelas graças tão abundantes, aquelas inspirações tão salutares, aqueles auxílios tão poderosos? Meu Deus, que de talentos: missas, sacramentos, exercícios

espirituais, atos de religião, tudo se há de pôr a render. Corresponde ao fundo o proveito, e os rendimentos ao capital? Para que nos passem as contas, é preciso que o capital se dobre pelo menos em virtude da correspondência e da fiel cooperação à graça. Ó Senhor, e que motivos tão justos para estremecer-nos ao considerar bem esta parábola! O amo muito em breve estará em casa de volta de sua viagem; e não temos razão para temer? Poderemos pôr-nos em sua presença com inteira confiança?

Os santos sim que foram prudentes e discretos em não se aplicar a mais que a cultivar seus talentos para que dessem de si tudo o possível. Nos primeiros anos de sua vida não os cultivou muito Santo André Corsini; mas no restante dela reparou com vantagens seu fervor as quebras de sua inconsiderada juventude. A que esperamos nós para reformar nossos costumes, para emendar tantas desordens, para dar princípio a uma nova vida? Dentro de poucos dias nos será pedida estreita conta de nossos talentos. Que desdita se nos apresentarmos com as mãos vazias! Castiga-se severamente a quem não granjeou com eles: que será ao que abusou, ao que se valeu deles mesmos para sua maior perdição!

Não tenho, Senhor, outro recurso senão vossa misericórdia infinita. Perdido sou, condenado sou para sempre, se me julgais segundo o rigor de vossa justiça. Destes-me, Senhor, talentos; mas como usei deles? Mas, enfim, concedei-me ainda um pouco de tempo, ó doce Salvador meu, que eu vos darei boa conta; assisti-me com vossa graça, e deixarei de ser daqui em diante servo inútil e preguiçoso.

Jaculatórias

> *Servus tuus sum ego: da mihi intellectum, ut sciam testimonia tua.* Sl 118.

Está feito, Senhor, vou servir-vos com fidelidade; concedei-me a perfeita inteligência de vossos santos mandamentos.

> *Tempus faciendi, Domine.* Sl 118.

Já, Senhor, chegou o tempo de trabalhar em minha salvação e de aproveitar para o céu os talentos que me haveis concedido, dos quais tão mal usei até aqui.

Propósitos

1. Conhecer as regras que se devem observar para viver bem, e ainda confessá-las, não só é coisa fácil, mas muito comum; mas de que servirá este conhecimento e esta confissão, se nem por isso se vive melhor? Lembremo-nos de que a virtude cristã é ciência prática. O inferno está cheio de especulações estéreis e de máximas muito cristãs, mas infecundas. Não permita Deus que as tuas sejam semelhantes; não podes negar que tens usado perversamente dos talentos que Deus te concedeu. Que abuso das prendas naturais e de tantas graças sobrenaturais! Que conta darias a Deus se agora ta pedisse de tantos benefícios recebidos? Em que tens empregado esse entendimento, essa robustez, esses bens de fortuna, esse tempo tão precioso? Quantas belas horas tens perdido! Meu Deus, que cruéis remorsos causa uma saúde usada e desgastada em satisfazer ao amor-próprio! Um entendimento fatigado e aniquilado por ter dissipado sua substância em frívolos assuntos! Acalma esses remorsos com a pronta reforma a que te hás de resolver depois destas reflexões, impondo-te a seguinte lei, que hás de observar inviolavelmente toda a vida.

2. Hás de pôr-te um perpétuo interdito a toda leitura de novelas, romances, comédias amatórias, poesias galantes e todo gênero de livros envenenados, que só agradam porque matam, dissimulando o veneno no artifício. Guarda-te bem de valer-te jamais de teu engenho, de tua discrição ou de tua agudeza para equívocos indecentes, alusões impuras, zombarias picantes, chacotas malignas, nem para aquelas torpes alegorias que, debaixo das vozes mais simples e mais comuns, introduzem um sutilíssimo veneno até o coração. Toma uma forte resolução de não estar jamais ocioso; é preciosíssimo o tempo, e sua perda é irreparável; não empregá-lo em trabalhar pela salvação é perdê-lo. E será usar bem da saúde não saber valer-se dela senão para contentar suas paixões? Não há desordem, não há excesso que não estrague, que não abrevie a vida. O tempo da enfermidade será muito oportuno para converter-se? A saúde é dom de Deus; pois determina neste dia o uso que hás de fazer daqui em diante deste apreciável dom. Benefícios do Senhor são os bens temporais; e nos terá dispensado o Senhor estes benefícios para satisfazer nossos caprichos, para ofendê-lo com maior ousadia e para perder-nos com mais facilidade? Vê que emprego tens feito deles até aqui, resolve o que hás de fazer daqui em diante. O supremo domínio de nossos bens o tem Deus; nós os possuímos com a obrigação de reconhecer-lhe homenagem e de render-lhe tributo. Regula as esmolas na proporção de tua renda, consultando-o com um prudente diretor. És hábil, sobressaliente em alguma faculdade ou em alguma arte: a Deus deves esse dom; mas que delito aproveitar-te dessa habilidade para perder as almas! Quantas reflexões poderão fazer aqui, tanto os miseráveis autores de livros perniciosos como todos os que contribuem para que se imprimam e se divulguem! Quantas os pintores e os escultores, que eternizam as mais lisonjeiras ocasiões de pecar nas nudezes, não só indecentes, mas escandalosas! Quantas, enfim, todos aqueles artífices da iniquidade que não sabem empregar o primor de suas mãos e talentos senão em fabricar armas às paixões ou em levantar trincheiras ao vício e à desordem! Oh, que cadeia de inumeráveis pecados! Que penitência bastará a satisfazê-los? Como se reparará tão grande mal? Consulta-o com um confessor prudente e sábio.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:33 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:33 by Admin